

Única federal paulista está "no vermelho"

São Paulo — A única Universidade federal do Estado de São Paulo está localizada no município de São Carlos, a 238 quilômetros da capital, e com aproximadamente 140 mil habitantes. A Universidade de São Carlos tem 2.950 alunos — 750 dos cursos de pós-graduação. Apesar de abranger 15 cursos em todas as áreas, o campo da Ciência e Tecnologia é o mais destacado com o curso de Engenharia de Materials. Os programas de tecnologia de ponta são desenvolvidos no Parque de Alta Tecnologia, e que trabalha em conjunto com a comunidade industrial sancarlense. Já foram criadas várias microempresas de componentes eletrônicos e cerâmica condutora.

A situação da universidade, que completa 20 anos de fundação no ano que vem, é considerada crítica pelo reitor Sebastião Elias Kuri. Ele afirmou que, com a falta de verbas, o caixa "já está no vermelho" e que está comprometido até o pagamento das despesas básicas (luz, água etc), caso não haja um repasse de verbas do governo federal até o dia 15 de julho.

Segundo o diretor de Comunicação Social, Raimundo Garbelotti, a atual greve dos funcionários e professores, provocou a perda de todo primeiro semestre (os cursos são semestrais), "pois não há tempo hábil para reposição de aulas". "O reitor tem viajado constantemente a Brasília junto com o Conselho de Reitores, no sentido de sensibilizar as autoridades governamentais para um repasse de verbas para a normalização do ensino. Ainda não conseguimos gerar recursos próprios, apesar de ser uma Fundação", explicou Garbelotti.

"O que você vai fazer quando a UFRGS fechar?" essa indagação, espalhada por cartazes, faixas e até mesmo outdoors, transformou-se no principal slogan dos funcionários e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cuja paralisação atingiu praticamente dois meses. Instalada em Porto Alegre, e principal instituição da Rede Federal no estado. Os funcionários encerram seu movimento amanhã, depois de 51 dias de paralisação. Os professores ainda continuam em greve. Os dirigentes do movimento se preocupam em ressaltar que esta é uma greve diferente, onde a questão salarial é bem menos importante que a luta política para garantir as verbas necessárias para que a universidade sobreviva.

A UFRGS tem mais de 18 mil alunos, que são atendidos por 2.600 professores e 3.500 funcionários. A greve destes foi entendida pela reitoria da universidade, que tem que administrar a falta de verbas para a instituição. Apesar dos problemas, a UFRGS resiste a qualquer perspectiva de privatização e a reitoria acha que a universidade deve continuar sendo sustentada pelo estado.

Colaboraram: Socorro Souza (AC), Raimundo Gomes (AL), Manoel Lima (AM), Antonio Sampalo (BA), Paulo Ernesto Serpa (CE), Rita Tristão (ES), Jaqueline Heluy (MA), Sônia Zaramella (MT), Adilson Trindade (MS), Rogério Perez (MG), Demétrio Beltrão (PA), Evandro Nobrega (PB), Nivaldo Araújo (PE), Zózimo Tavares (PI), Anamaria de Angelis (RJ), Zenaide de Castro (RN), Gustavo Krieger (RS), Roberto de Azevedo (RO), Expedito Perónnico (RR), Júlio César Cancellier (SC), Ofélia Onias (SE), Valdir Morgado (Sucursal de GO), Luiza Taranto (Sucursal de PR), e Fernando Porto (Sucursal de SP).